

A “COISA TÁ PRETA”: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO E LINGUÍSTICO SOBRE EXPRESSÕES RACISTAS QUE CIRCULAM NAS PRINCIPAIS REDES SOCIAIS

Patrícia Formiga Maciel Alves¹

 <https://Orcid.org/0000-0002-9594-9504>

Edileide Godoi²

 <https://orcid.org/0009-0002-1880-9652>

RESUMO

Este artigo trata da permanência, na sociedade, do uso indevido de expressões racistas, especialmente nas redes sociais. Na maioria destas expressões, associa-se a cor preta a algo negativo; no seu oposto, têm-se uma associação do branco a algo mais positivo. Sabemos que a origem do nosso próprio idioma e dessas expressões são decorrentes da forte influência do período da escravidão. Diante dos fatos, esse trabalho tem como objetivo investigar como o uso e permanência de determinadas expressões preconceituosas, ainda hoje, contribuem para a permanência de estereótipos e discriminação. Para tanto, o *corpus* da pesquisa é constituído por expressões racistas em sua significação e origem, irrompidas nas redes sociais, como no *X*, *Instagram* e no *Facebook*. Do ponto de vista teórico-metodológico, utilizamos como base teórica a Análise do Discurso Francesa (ADF) – uma abordagem discursiva que passou por diferentes momentos de (des)construções, interrelacionando a linguagem e seus significados ao contexto sócio-histórico e ideológico em que ela é produzida. Os resultados apontam que a essas expressões, em especial dos enunciados “a coisa tá preta” e “se a coisa tá preta, a coisa tá boa”, continuam sendo usadas tanto como manutenção de ideologias negativas e valores semânticos relacionados a toda uma cultura discriminatória, como também subverte a uma perspectiva de inserção do negro e valores socioculturais afro-brasileiros. Trazer essa reflexão nos impulsiona tanto a pensar: como e por que, hodiernamente, ainda se faz uso de expressões e significados enraizados em nossa linguagem, bem como em sua emergência de retirada.

Palavras-chave: Análise Discursiva. Racismo. “A Coisa Tá Preta”.

A 'COISA TÁ PRETA': AN ANTHROPOLOGICAL AND LINGUISTIC STUDY ON RACIST EXPRESSIONS CIRCULATING ON MAJOR SOCIAL NETWORKS

ABSTRACT

This article addresses the persistence in society of the improper use of racist expressions, especially on media. In most of these expressions, the color black is associated with something negative, while, conversely, white is associated with something more positive. We know that the origin of our language and these expressions arises from the strong influence of the slavery period. These facts, this paper aims to investigate how the use and persistence of certain prejudiced expressions still today contribute to the perpetuation of stereotypes and discrimination. To this end, the research corpus is composed of racist expressions, their meanings, and origins, which have emerged on social media platforms such as X (formerly Twitter), Instagram, and Facebook. From a theoretical-methodological perspective, we use French Discourse Analysis (FDA) as a theoretical basis— a discursive approach that has undergone various phases of (de)construction, interrelating language and its meanings with the socio-historical and ideological context in which it is produced. The results indicate that the recurrence of these expressions, particularly statements like "a coisa tá preta" ("things are bad") and "se a coisa tá preta, a coisa tá boa" ("if things are bad, they're good"), continues to be used both as a

¹ Doutora em Sociologia, Professora Adjunto da Universidade de Pernambuco. E-mail: patricia.formiga@upe.br.

² Doutora em Linguística (UFPB), Professora – Letras – UPE. E-mail: edileide.godoi@upe.br.

means of maintaining negative ideologies and semantic values related to an entire discriminatory culture, and as a form of subversion toward a perspective of inclusion of Black individuals and Afro-Brazilian sociocultural values. This reflection motivates us to consider how and why, even today, are expressions and meanings deeply rooted in our language still used, and how their elimination emerges as a necessity.

Keywords: Discourse Analysis. Racism. “A Coisa Tá Preta”.

LA 'COSA ESTÁ NEGRA': UN ESTUDIO ANTROPOLÓGICO Y LINGÜÍSTICO SOBRE EXPRESIONES RACISTAS QUE CIRCULAN EN LAS PRINCIPALES REDES SOCIALES

RESUMÉ

Este artículo aborda la persistencia en la sociedad del uso indebido de expresiones racistas, especialmente en las redes sociales. En la mayoría de estas expresiones, se asocia el color negro con algo negativo, mientras que, en el lado opuesto, el blanco se asocia con algo más positivo. Sabemos que el origen de nuestro propio idioma y de estas expresiones son resultado de la fuerte influencia del período de la esclavitud. Frente a los hechos, este trabajo tiene como objetivo investigar cómo el uso y la persistencia de determinadas expresiones prejuiciosas, aún en la actualidad, contribuyen a la permanencia de estereotipos y discriminación. Para ello, el corpus de la investigación está compuesto por expresiones racistas en su significación y origen, emergentes en las redes sociales, como X (la antigua Twitter), Instagram y Facebook. Desde el punto de vista teórico-metodológico, utilizamos como base teórica el Análisis del Discurso Francés (ADF), un enfoque discursivo que ha pasado por diferentes momentos de (des)construcción, interrelacionando el lenguaje y sus significados con el contexto sociohistórico e ideológico en que se produce. Los resultados muestran que la recurrencia de estas expresiones, en especial de los enunciados “la cosa está negra” y “si la cosa está negra, la cosa está buena”, siguen siendo utilizadas tanto para mantener ideologías negativas y valores semánticos relacionados con toda una cultura discriminatoria, como para subvertir hacia una perspectiva de inclusión del negro y los valores socioculturales afrobrasileños. Traer esta reflexión nos impulsa a pensar: cómo y por qué, hoy en día, aún se hace uso de expresiones y significados arraigados en nuestro lenguaje, así como su necesidad de eliminación.

Palabras clave: Análisis Discursivo. Racismo. “La Cosa Está Negra”.

INTRODUÇÃO

O uso de expressões racistas, tais como “dia de branco”, “lista negra”, “a coisa está preta”, “mercado negro”, “ovelha negra”, “inveja branca”, “magia negra”, só para citar algumas, está enraizado e naturalizado na nossa sociedade. São resultado de um histórico de escravidão e discriminação a negros no Brasil, que durou quase quatro séculos. Tal processo deixou marcas que se estendem para a linguagem usada no cotidiano dos brasileiros. Na maioria destas expressões, associa-se a cor preta a algo negativo; enquanto, no seu oposto, têm-se uma associação do branco a algo mais positivo, a exemplo “inveja branca”, referindo-se a algo socialmente aceitável.

Sabemos que a origem do nosso próprio idioma e dessas expressões são decorrentes da forte influência do período da escravidão. Todavia, embora reconheçamos que, inconscientemente ou conscientemente, elas permaneçam em uso, tais expressões precisam ser retiradas do *hall* das nossas falas, uma vez que possuem conotação extremamente racistas e que reforçam estereótipos.

Contemporaneamente, mesmo com políticas públicas, que buscam combater a prática racista, ela ainda é muito comum na nossa sociedade. A Comissão de Promoção de Igualdade Racial do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), instituída pela Portaria-TSE nº 230, de 8 de março de 2022, tem como um de seus objetivos o planejamento de ações com a finalidade de combater o preconceito racial na Justiça Eleitoral. Nesse sentido, a comissão criou uma cartilha intitulada *Expressões racistas: por que evitá-las*, que traz termos de cunho racista e explica didaticamente o motivo para serem assim entendidos. Dessa forma, a comissão visa promover a mudança de hábitos e comportamentos nas pessoas e facilitar a exclusão de expressões idiomáticas que possam embutir preconceito racial.

Boa parte da população brasileira de negros e mulatos encontra-se excluída do mercado de trabalho; quando não, ocupam posições subalternas, trazendo à tona a discussão sobre racismo estrutural e a posição social de negros e mulatos em relação à distribuição de renda. Falando sobre isso, Comparato, em artigo para a Folha de São Paulo (8-72008), afirma que a situação social de negros e mulatos na sociedade brasileira se explica pela análise da estrutura social herdada dos tempos coloniais. Assim, o resultado de mais de três séculos de escravidão permanece nas estatísticas, além de estarem bem marcados nas nossas mentalidades, nossos costumes e nas relações econômicas (Queiroz; Kimpel, 2011). E, acrescentamos, também nas nossas expressões cotidianas, conforme examinaremos neste artigo.

Considerado o Pai do Racismo, Gobineau, que viveu no século XIX, falava da existência de raças, assim, todas as manifestações culturais, históricas e sociais do homem e os seus valores dependiam da raça. Nesta concepção, a raça considerada superior (ariana ou nórdica) estava destinada a dirigir o gênero humano (Queiroz; Kimpel, 2011).

Assim, nossos objetivos neste artigo é: investigar o uso e a permanência de determinadas expressões, verificando como elas contribuem para a conservação de estereótipos e discriminação e, ainda, averiguar a origem e seus significados, analisando, no interior do sistema que rege as redes sociais, como o *X*, o *Instagram* e, especialmente, o *Facebook*, o aparecimento dessas expressões como manutenção de um discurso racista ainda presente em nossa sociedade.

METODOLOGIA

Desde muito tempo, a linguagem tem sido alvo de investigação pelo seu caráter histórico, cultural e antropológico que reflete a sociedade da época e se relaciona com o contexto social e cultural atual. Diante desse ponto de vista, este trabalho destaca os estudos da relação da antropologia com a linguagem, decorrente de uma área de investigação denominada antropologia linguística, dada a importância da linguagem enquanto evidência e parte do patrimônio cultural de uma sociedade. Uma vez que é através da linguagem que os indivíduos que compõem uma sociedade se expressam e

expressam seus valores, suas preocupações, seus pensamentos. Como nos diz Laplantine (2009, p. 17): “apenas o estudo da língua permite compreender: o como os homens pensam o que vivem e o que sentem, isto é, suas categorias psicoafetivas e psicocognitivas (etnolinguística)”; e como eles expressam o universo e o social, e interpretam seus próprios saber e saber-fazer.

Neste artigo, utilizaremos como base teórica da linguística a Análise do Discurso Francesa (ADF) – uma abordagem discursiva que passou por diferentes momentos de (des)construções, conectando a linguagem ao contexto histórico, social e ideológico em que ela é produzida. A ADF foi desenvolvida por uma base teórica de “tríplice aliança” – referindo-se às três bases teóricas que sustentam essa abordagem: linguística, materialismo histórico e psicanálise. Essa combinação foi proposta por Michel Pêcheux, o fundador da ADF, para compreender como os discursos são produzidos, circulam e refletem as relações de poder e ideologia (Reis, 2018).

Desse modo, analisamos, nas principais redes sociais, como no *X*, *Instagram* e, em especial, no *Facebook*, buscando por essas expressões para sabermos a frequência e as situações dos seus usos. Para alcançarmos nossos objetivos, utilizamos a análise do discurso francesa proposta por Michel Pêcheux (1997) e seus diálogos e duelos com Foucault (2004, 2012), bem como as relações antropológicas presentes na materialidade discursiva. A pesquisa é de caráter quantitativo e qualitativo, uma vez que buscamos caracterizar diferentes modalidades de coleta de informações por meio de uma rede interdiscursiva midiática (Minayo, 2007).

Para tanto, o *corpus* a ser analisado são expressões como “dia de branco”, “lista negra”, “a coisa está preta”, “mercado negro”, “ovelha negra”, “inveja branca”, “magia negra”, que circularam nas redes sociais no período de 2022 a 2024, em especial no *Facebook*. Cabe lembrar que não buscamos analisar as unidades discursivas que apontam apenas uma forma de comportamento na sociedade, mas verificar, através dos jogos discursivos, como essas unidades produzem determinados conhecimentos em sua emergência discursiva, e como são usados em manutenção de saberes preconceituosos ainda persistente em nossa sociedade.

A VIDA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A sociedade atual é fruto de intensas mudanças sociais, resulta de mudanças profundas na área da economia, da política, da educação, da vida cotidiana e pessoal, em especial ao uso das tecnologias e mídias sociais. Neste cenário, o *X*, o *Instagram* e o *Facebook* configuram-se, hoje, como as mais populares redes sociais entre a população brasileira. Criado em 2006, o Twitter, hoje *X*, ganhou bastante popularidade nos últimos anos e funciona como uma espécie de SMS da internet. O *Instagram*, lançado em 2010, é a rede social mais utilizada no mundo atualmente, com compartilhamento de fotos e vídeos, com um vasto número de ferramentas para criação de conteúdo

online. O *Facebook*, lançado em 2004, permite criar perfis, interação e engajamentos diferentes com o público para anunciantes (Oliveira, 2020).

O avanço da tecnologia trouxe consigo uma nova forma de se comunicar e conviver, tais como salas de bate-papo, aplicativos, e sites de relacionamento. As redes sociais, por exemplo, se tornaram nos dias de hoje um espaço de colaboração, baseada na interação e participação ativa de quem produz e recebe conteúdo. Esses recursos proporcionam, com muita facilidade e agilidade, encontros, assim como também podem se constituir num meio de disseminar a informação, redefinir padrões e mobilizar massas, não se limitando apenas ao relacionamento, mas também como fonte de pesquisa e notícias, tendo como atributos a interatividade e participação, possibilitando não só o acesso à informação, mas à capacidade de produzi-la.

Para darmos conta de pensar este contexto, recorremos a Castells (2009), que propagou o termo Sociedade da Informação para referir-se a uma sociedade e uma economia que fazem o melhor uso possível das Tecnologias da Informação e Comunicação, no sentido de lidar com a informação, e que tornam esta como elemento central de toda a atividade humana. Vivemos uma época constituída a base das tecnologias da comunicação e informação, que se desenrolam em uma velocidade inimaginável. “As novas tecnologias, os novos mercados, as novas mídias, os novos consumidores desta era da informação e do conhecimento conseguiram transformar o mundo em uma grande sociedade, globalizada e globalizante” (Borges, 2000, p. 32).

Com o surgimento da Internet, surgiu a criação de um espaço público diferente, o ciberespaço “é um local virtual sem fronteiras, sem espaço físico real, desterritorializado onde várias culturas se cruzam, contudo, permite conceber espaços abstratos e simbólicos num local virtual, mas ativo, vivo e construído pela humanidade” (Castells, 2009). A internet transformou o modo de se comunicar e as vidas das pessoas, que, a partir desse novo espaço, podem estar em contato constante com as notícias e informações de todo o planeta.

É perceptível, cada vez mais, a importância que a internet ocupa na vida das pessoas, estando ela inserida em suas rotinas. Porém, para além de explicitar a cultura, o conhecimento e as expressões sociais, a internet também apresenta questões racistas, que estão sempre nos assuntos mais comentados nas redes sociais. Esse contexto propicia a possibilidade de se problematizar as relações sociais construídas e aceitas socialmente e culturalmente. O que, por sua vez, torna a internet um ambiente de comunicação diferenciado, tendo em vista o amplo espaço de transformação social.

Nos dias atuais, as redes sociais encontram-se entre os aplicativos mais acessados por jovens entre 18 e 25 anos. Esse índice se dá por dois motivos principais: a popularização do *wifi*, internet 5G e outros meios de acesso à internet, e a criação de um espaço virtual “ideal” para cada indivíduo. A abrangência e as ferramentas de comunicação com as quais contam as redes sociais, as transformam em um espaço inovador de aprendizagem, permitindo interações, socialização e aprendizagem

colaborativa em rede, resultando na construção coletiva de saberes entre os indivíduos (Choti; Behrens, 2015).

As redes também, segundo Kellner (2001), é um espaço de produção e manutenção dos sujeitos e das relações de saber e poder. Ele argumenta que as redes sociais e outras formas de mídia têm o poder de moldar opiniões, valores e comportamentos. O autor destaca ainda que essas plataformas podem ser usadas tanto para reproduzir ideologias dominantes quanto para contestá-las, oferecendo espaço para resistência e transformação social.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme Foucault (2012), em toda sociedade, a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, cujo papel é afastar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Assim sendo, e, comungando com as ideias do autor, propomos analisar os jogos enunciativos propostos na materialidade discursiva, de modo a verificar como eles contribuem para a permanência de estereótipos e discriminação que se apresentam.

A pesquisa foi realizada no mês de maio de 2024 e no mês de março de 2025. Iniciamos pelo *X*. Ao colocar a expressão “a coisa tá preta”, aparecem diversos comentários associando “claramente” a algo negativo. Exemplos: “a prisão não vai demorar, a coisa tá preta pro barba” (12 maio 2024); “a coisa tá feia, a coisa tá preta” (13 maio, 2024); “a coisa tá tão preta lá no STS com as monocráticas decisões dos deuses que deveria mesmo era fazer uma limpeza geral na instituição” (16 maio, 2024). Em contrapartida, com menos frequência encontramos frase com conotação positiva, “minha lindona, se a coisa tá preta, é porque a coisa tá boa” (15 maio de 2024).

Uma outra expressão, “inveja branca”, acaba por “reduzir” a inveja que é um dos sete pecados capitais, tornando-a leve por ser denominada de branca. Exemplos: cara que puta inveja branca quase negra desse guarda hahahahaha” (15 maio 2024); ...Sério ele não tem defeito não chega a dar raiva rs. Inveja branca claro” (18 maio 2024).

Indiferentemente do *X* o *Facebook* apresenta uma regularidade negativa para essas expressões. Vejamos como elas aparecem (vídeos publicados em perfis com comentários “a coisa tá preta”):

No *Instagram*, essas expressões também aparecem, no entanto, como é uma rede com grande alcance, automaticamente tem um público vigilante maior em combate ao preconceito e racismo, o que gera um lugar de protesto contra essa prática, conscientização e valorização da “raça” e cultura afro. No entanto, de modo imperceptível, muitas vezes, a manutenção de estereótipos negativos se mantém em busca do desejo do olhar/aprovação e da curtida do outro. Uma expressão bem recorrente no *Instagram* é: “se a coisa tá preta, ‘a coisa tá boa’”. Vale salientar que sua materialidade enuncia diferentemente, a depender da posição sujeito apresentada e dos seus interlocutores.

Imagem 1: “A coisa tá preta”



Fonte: Facebook³

Vejamos, por exemplo, nos prints do *Facebook* – abaixo – como as expressões “a coisa tá preta e se a coisa tá preta, a coisa tá boa” são enunciadas. Em seguida, a mesma materialidade “se a coisa tá preta, a coisa tá boa” no *Instagram* da artista Isis Oliveira (@isisoliveira) e do criador de conteúdo Brandão (@bvideomaker).

A recorrência insistente dessas expressões, em especial dos enunciados “a coisa tá preta” e “se a coisa tá preta, a coisa tá boa”, “mostram que essas expressões continuam sendo usadas tanto como manutenção de ideologias negativas e valores semânticos relacionados a toda uma cultura racista e discriminatória, como também subverte uma perspectiva de inserção de raça, povo preto e valores socioculturais afro-brasileiros.

Imagem 2: “Se a coisa tá preta, a coisa tá boa”



Fonte: Facebook⁴

³ Disponível em: https://www.facebook.com/?locale=pt_BR. Acesso em: 22 mar. 2025

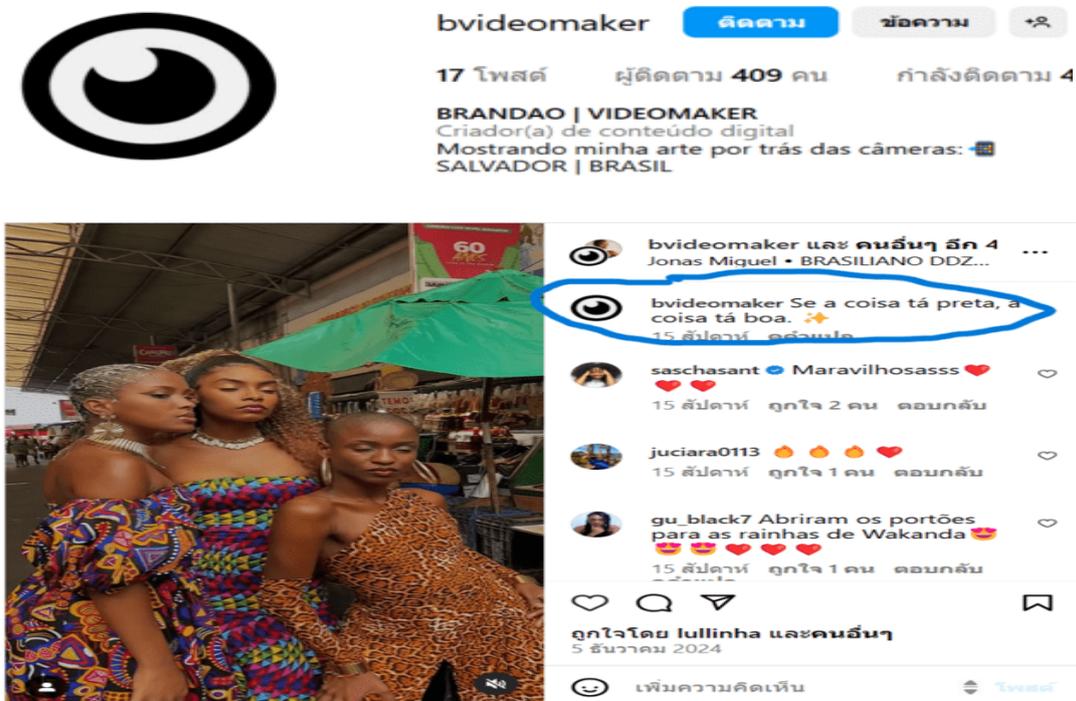
⁴ Disponível em: https://www.facebook.com/?locale=pt_BR. Acesso em: 22 mar. 2025.

Imagem 3: “Se a coisa tá preta, a coisa tá boa 2”



Fonte: *Instagram*⁵

Imagem 4: “Se a coisa tá preta a coisa tá boa 3”



Fonte: *Instagram*⁶

⁵ Disponível em: https://www.facebook.com/?locale=pt_BR. Acesso em: 22 mar. 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/bvideomaker>. Acesso em: 22-03-2025.

Mesmo com os avanços recentes nesta seara, tais como a chegada dos estudos multiculturais, bem como na legislação, a estigmatização da população negra ainda tem sido um exercício de vigilância das hierarquias, que se dá pela violência física e também simbólica. O fato é que, proibido ou não, o racismo está revelado na nossa sociedade. Todavia, devido à proibição legal, o racismo não figura tão claramente nos espaços formais, permanece nas expressões que ganham um véu de “inocentes”. Apesar de todos os esforços da antropologia em validar as diferenças, de mostrar que tais diferenças constituem riqueza coletiva da humanidade, e que há muito deixaram de configurar num gradiente civilizatório, em superiores e inferiores, estas persistem nos discursos e expressões racistas (Munanga, 2022).

Entendemos que, numa perspectiva discursiva e antropológica, o discurso é uma prática social moldada por formações discursivas específicas, que refletem condições ideológicas, históricas e sociais. Analisando as expressões fornecidas, alguns aspectos importantes podem ser destacados: as expressões “a coisa tá preta” e suas variações remetem a uma formação discursiva que opera com significados ambíguos e históricos. No interdiscurso, “preto” carrega memórias discursivas associadas a algo negativo (dificuldade, crise, problemas). Essa memória interdiscursiva pode se conectar tanto a contextos sociais quanto a conotações históricas e ideológicas de discriminação.

Já no enunciado: “se a coisa tá preta, a coisa tá boa”, há um discurso ideológico atravessado, ressignificado a partir de um contexto sócio-histórico atual de lutas, um lugar de resistência que, mesmo na contramão do sistema de manutenção da branquitude, resiste, luta em torno das conquistas de políticas de valorização cultural e inserção em diferentes espaços públicos para o povo preto. Isso vai de encontro com o que Kellner (2001) destaca em torno do que as redes sociais instituem; reproduzindo ideologias dominantes, mas também espaço de resistência e transformação social.

Observemos ainda que, na postagem do Instagram de @isisolveira, o termo “se a coisa tá preta, a coisa TÁ BOA!”, publicado em março de 2025, há um deslocamento de sentido para uma conotação sensual que simultaneamente revela um lugar de manutenção de estereótipos de mulher preta como objeto de desejo sexual, bem como a própria construção da artista em manter esse jogo enunciativo como algo positivo em torno dela mesma. O que temos é um sujeito atravessado por um discurso de desejo e clivado por uma ideologia positiva em torno desse desejo, sem atentar para um lugar de preconceito e manutenção de estereótipos negativos sexuais constituídos a partir da mulher negra.

No próximo exemplo, a expressão “A coisa tá preta pro barba”, publicada em maio de 2024, revela um contexto político em que a dificuldade é associada a uma figura (um líder) que está sob pressão. O discurso aqui constrói uma tensão em torno de questões de justiça ou poder. Associando semanticamente “o preto” à coisa negativa. As expressões trazem elementos que refletem disputas ideológicas. No caso de “a coisa tá tão preta lá no STS com as monocráticas decisões dos deuses...”,

também publicada em maio de 2024, o discurso não apenas denuncia uma crise, mas também ironiza o poder de decisões centralizadas (*monocráticas*), questionando as instâncias de autoridade. Ideologicamente, esse uso discursivo posiciona o sujeito em um local de contestação, criticando instituições (como o STS) por sua estrutura de poder. Por outro lado, há uma reconstrução semântica na expressão “minha lindona, se a coisa tá preta, é porque a coisa tá boa”, de março de 2025, em que observamos um deslocamento semântico. Aqui, o adjetivo “preta” é ressignificado em um contexto positivo, desafiando a memória discursiva dominante, que associa “preto” a algo negativo.

Segundo Foucault (2004), os discursos são construídos por regras que governam o que pode ser dito e como pode ser dito em determinado tempo e lugar. Atendendo às “regras do dizível”, as proposições analisadas se inserem em formações discursivas que revelam condicionamentos históricos que associam o “preto” ao negativo. Isso é resultado de práticas discursivas consolidadas ao longo do tempo, de uma memória discursiva que foi construída ao longo de nossa história. Para Foucault (2004), o discurso carrega rastros históricos, compondo uma rede de referências e relações com discursos anteriores. Isso conecta o presente ao passado, permitindo que ideias e práticas sejam constantemente reinterpretadas.

Diante disso, embora exista uma mudança nas regras da expressão “se a coisa tá preta, é porque a coisa tá boa”, sugerindo uma ruptura nas regras tradicionais e subvertendo os significados usuais existente, ela não surge isolada, mas dentro de condições específicas de produção discursiva. Nesse caso, é preciso questionar: “quem é o sujeito enunciador?”, “quais são as ideologias políticas em que o sujeito se insere, e a rede discursiva à qual a expressão está intrinsicamente ligada?”. Desse modo, a proposição pode ser entendida como um discurso que reinsere a negatividade da coisa tá preta a um sujeito opositor ao enunciador. O sujeito enunciador se apropria de um significado negativo para ressignificá-lo positivamente dentro de suas representações desejáveis. Para Althusser (2022), o sujeito é constituído pela sociedade e pela ideologia que o atravessa.

É impossível existir um sujeito sem sociedade e sem a ideologia que sempre o interpelará para se tornar sujeito. Desta forma, não se trata somente de um sujeito, mas de um sempre-já sujeito, pois antes mesmo do nascimento, um indivíduo é inserido dentro de relações que lhe são estranhas e é interpelado a todo instante para se assumir como sujeito em infinitas situações: como quando um pai chama a atenção do filho e lhe coloca em posição de filho, subordinado, dependente (Althusser, 2022, pag.102).

Há um entendimento ainda de que os jogos discursivos propostos pela materialidade discursiva se inserem no âmbito do acontecimento discursivo. Assim sendo, as críticas implícitas nas expressões, como “limpeza geral na instituição”, podem ser vistas como “acontecimentos discursivos” que expõem tensões sociais e políticas contemporâneas, revelando novos espaços de discurso sobre crise e autoridade e sobre sujeitos e suas ideologias. Entendemos ainda que, mesmo

diante das lutas e leis que criminalizam o racismo no Brasil (A Lei 7.716/1989 define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor), o uso regular dessas expressões coloca em jogo um discurso discriminatório que ainda é legitimado em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição deste artigo embasado nos estudos linguísticos e antropológicos refere-se à possibilidade de incluir, na pauta de discussão, o uso inadequado de expressões que são resquícios de uma sociedade escravista, que deixou de sê-la há muito tempo, mas que permanece viva nas falas das pessoas, através das mídias sociais de maior alcance. Trazer essa reflexão nos impulsiona a pensar de outro modo ao suspender significados enraizados, que precisam urgentemente serem abolidos da nossa linguagem. A antropologia nos convida a refletir de uma maneira diferente ou a construir conhecimentos e significados de outra forma.

Já em relação aos estudos da linguagem numa perspectiva discursiva (AD), compreendemos que esse estudo contribui na medida em que as análises nos propõem refletir como o sujeito se serve da palavra e do discurso para representar a si mesmo, isso porque consideramos as expressões usadas nas redes sociais como lugar de discurso e de linguagem que propõe pensar o sujeito, articulando o linguístico e o sócio-histórico. Isso nos leva a refletir sobre linguagem como ponto de partida para pensar os sujeitos e suas relações ideológicas, assim como suas relações de conflito e, também, de confronto. A linguagem, além de refletir como os homens pensam, é também uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Tendo isso em vista, esse trabalho nos impulsiona, na emergência enunciativa dos enunciados (expressões analisadas), tanto a pensar como e por que, hodiernamente, ainda se faz uso de expressões e significados enraizados em nossa linguagem, bem como em sua emergência de retirada.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 13ª Ed, 2022.

BORGES, Maria Alice Guimarães. A compreensão da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, set./dez. 2000. Disponível em:

BRASIL. Cartilha Palavras Racistas. *Paratodos*, Programa Sesc e Senac de Diversidade, novembro, 2020. Disponível em: <https://fecomercio-rs.org.br/wp-content/uploads/2020/11/Cartilha-PalavrasRacistas.pdf>. Acesso em: 03/05/2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Censo Demográfico*, 2018.

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, vol.1. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CHOTI, Deise Maria Marques; BEHRENS, Marilda Aparecida. A utilização das redes e mídias sociais na formação continuada de professores aponta para um paradigma inovador? In: TORRES, Patrícia Lupion. *Redes e mídias sociais*. Curitiba: Appris, 2015.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

<https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/interdisciplinaridade-e-transdisciplinaridade/>.

Acesso em: 14 dez. 2024.

KELLNER, Douglas. *Cultura da Midia*. Bauru: EDUSC, 2001

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 26ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MUNANGA, Kabenguele. O Mundo e a Diversidade: questões em debate. *Revista Estudos Avançados*, n. 36, São Paulo, 2022.

OLIVEIRA, Priscila Patrícia Moura. *Manual Interativo de utilização do Instagram como ferramenta pedagógica*. 2020. 30 p. Produto Educacional (Mestrado Profissional) – Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Profissional e Tecnológica - Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - *Campus Rio Pomba*, 2020.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, Catherine. A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas. In GADET, F. HAK, T. (Org.). *Por Uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. 3ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 176-177.

QUEIROZ OLNEY, Assis; KUMPEL, Vitor Frederico. *Manual de Antropologia Jurídica*. São Paulo: Saraiva, 2011.

REIS, V. A. Werner dos. Tripé fundador da análise do discurso: as interfaces de uma teoria de entremeios. *Revista Inventário*, n. 21, Salvador, Julho de 2018.